DIÁRIO de bordo



ROBERTO RODRIGUES

A chave da história

As discussões sobre os transgênicos são às vezes emocionais, às vezes ideológicas e às vezes técnicas demais. A impressão geral é de que o assunto não tem sido tratado de forma a esclarecer suficientemente as questões levantadas quanto aos efeitos eventuais dos OGMs sobre o meio ambiente e a saúde humana ou animal. Parece que as empresas defensoras do transgênico não conseguem vender bem a imagem de seus produtos.

A biotecnologia aumentou o conhecimento agronômico, permitindo redução de custos de produção inclusive através dos transgênicos. Mas talvez o x da questão esteja em que os produtores de OGMs não estão organizados para disseminar o conhecimento que detêm.

Há quem diga que a pendenga não passa de luta por mercados entre empresas que dominam e outras que não dominam a tecnologia da transgenia. Para ganhar tempo até alcançar as primeiras, as segundas alimentariam a reação aos alimentos geneticamente modificados, aproveitando o euronacionalismo ou até o desconhecimento dos diversos segmentos sociais sobre OGMs e outras instituições.

A disputa parece estar inserida numa questão mais ampla que se abriga na conhecida dicotomia Norte-Sul.

A Europa, onde a questão é mais sensível, vive um segundo Renascimento. No primeiro, uma elite social ficou tão rica que deu origem a mecenas de gênios de todas as artes e ao florescimento extraordinário das artes – pintura, escultura, música, literatura, teatro.

Agora vivemos o re-Renascimento. Não foi uma elite que enriqueceu: toda a classe média ficou rica na Europa Ocidental. A riqueza abre espaço para a contemplação. Há mais de uma década a Europa vive uma preocupação com o meio ambiente que se espalhou pelo mundo todo. Fala-se em preservação da paisagem! Já não é mais ecologia, é beleza pura! Em certas regiões tradicionais da Holanda é proibido construir estufas, porque elas enfeiam a paisagem.

Que país pobre pode ter essa preocupação? Os miseráveis da África, de certas regiões asiáticas e latino-americanas precisam comer antes de se preocupar com a paisagem. E, claro, sem discutir se o alimento é transgênico ou não.

Da mesma forma, só os ricos podem escolher pagar mais caro por produtos orgânicos em vez dos tradicionais. Ou criar imensas polêmicas sobre dioxina, hormônios, Coca-Cola e outros itens.

É claro que são questões sérias e precisam ser resolvidas. Mas surgiram à sombra da riqueza de europeus, norte-americanos, japoneses e se disseminaram mundo afora.

Desse panorama, algumas conclusões podem ser tiradas. É preciso apoiar todo e qualquer avanço tecnológico que resulte em otimização das cadeias produtivas do agribusiness, reduzindo custos de produção, melhorando a competitividade, aumentando o teor nutritivo dos alimentos e sua qualidade; mas é absolutamente imprescindível que tais avanços não perturbem a saúde humana nem animal e nem destruam elos da biodiversidade. Assim sendo, no caso dos OGMs, todas as perguntas precisam ser respondidas pela academia, sem partido, sem preconceito e sem paixão.

No entanto, o re-Renascimento determina uma nova postura dos consumidores, que é estrutural e não um modismo como querem alguns. Assim, há um imenso mercado rico para produtos não transgênicos, para produtos orgânicos, verdes, alternativos etc. Esse mercado definirá diferenciais de preços para tais produtos. O Brasil não pode ficar no maniqueísmo discursivo transgênico x não transgênico. Temos extensão territorial para ambos os modelos atenderem à demanda de quaisquer mercados. Dessa forma, esclarecidas as questões levantadas por consumidores – ricos ou não –, o uso dos OGMs deverá ser liberado, abrindo espaços para zonas reservadas de não transgênicos. Tudo isso será obviamente definido pelo mercado.

Mas a regulação deve ser clara, estabelecida com base em um lastro científico-tecnológico irrefutável, através de um debate democrático do qual se excluam as paixões e os preconceitos. E na regulação brasileira não se podem deixar de considerar documentos de outros países ou internacionais, como a Declaração sobre Biotecnologia e a Indústria Agroalimentar, preparada pelo IAFNC (Rede Internacional Agroalimentar). Não podemos ficar à margem do mundo. Afinal, o mercado não é só oferta ou procura, na medida em que ambas são modificadas por fatores psicossociais relevantes que só o completo esclarecimento relativiza.

Em conferência no Elmhirst Memorial, disse Theodore Schultz:

"... e quanto aos futuros custos dos produtos agrícolas? Em termos de possibilidades técnicas e de meras oportunidades econômicas, são boas as perspectivas de custos mais baixos; mas em termos do que está sendo feito politicamente, as perspectivas são más. Enquanto isso, as conferências internacionais sobre alimentos produzem uma série de relatórios fracos, ao passo que o pensamento social produz ideologias fortes. Mas relatórios e ideologias não produzem alimentos. Felizmente, as plantas e os animais não lêem relatórios e também não discriminam contra a ideologia de qualquer governo. Uma coisa é certa: a chave da nossa história está naquilo que o homem do campo conseguir fazer. Pode até acontecer que os economistas agrícolas ajudem a escrevê-la!"

*Roberto Rodrigues *é engenheiro agrônomo, agricultor, presidente da Aliança Cooperativa Internacional e da Abag (Associação Brasileira de Agribusiness) e professor do Departamento de Economia Rural da Unesp – Jaboticabal.*